

que o sujeito institui na sua relação com as substâncias tóxicas. Se não podemos dizer *toxicômanos*, podemos ao menos dizer *fenômenos toxicomaníacos*.

Referências bibliográficas

FREUD, S. "Três ensaios sobre a sexualidade" (1905). Em: *Obras Completas*, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.

_____. "Inibições, sintomas e ansiedade". Em: *Obras Completas*, vol. XX. Op. cit.

LACAN, J. "El Psicoanálisis y su enseñanza". Em: *Escritos*, tomo I. México, Siglo veintiuno, 1990.

QUINET, A. *As 4+1 Condições da Análise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

SOLER, C. "Sobre la segregación", *Pharmakon*, n. 3, 1995.

Av4 16

A PSICANÁLISE DIANTE DA TOXICOMANIA

Filippo Olivieri

Correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise, Rio de Janeiro

O que é a toxicomania?

Gostaria de iniciar este artigo esclarecendo algumas confusões acerca do fenômeno das toxicomanias. Antes de mais nada, não se trata de uma estrutura clínica por não satisfazer a mais básica condição de uma estrutura, a de recorrer ao registro simbólico. Tampouco é um sintoma, pois rompe com o gozo fálico; também não pode ser reduzida à perversão, porque não é mediada pela fantasia. Esses fatores são inerentes aos fenômenos toxicômanos: não recorrência ao simbólico, ruptura com o gozo fálico e não mediação da fantasia. Ou seja, a partir do fenômeno da toxicomania não é possível chegar à estrutura, como é possível no caso dos sintomas.

É importante interrogar qual o lugar que a droga ocupa na economia libidinal do sujeito e tal observação é crucial para a orientação da direção do tratamento. Já dizia Freud, em "Mal-estar da civilização", sobre os métodos que as pessoas lançavam mão para evitar o sofrimento: "O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação." (1930, p. 96).

Percebemos algo que aponta para além de uma mera fuga da realidade, tratando-se mais exatamente de uma solução encontrada por esses sujeitos para velar a castração. Em Freud, as drogas seriam uma solução para o mal-estar na cultura e em Lacan, servindo para romper com o “pequeno pipi”, aqui o gozo fálico. Assim, o fenômeno das toxicomanias se apresenta como uma “promessa” de encontro com o objeto perdido, promessa tanto radical quanto enganosa na qual o sujeito do inconsciente se apaga.

Para que serve a toxicomania?

Uma polêmica que normalmente divide os psicanalistas é a da toxicomania ser ou não um sintoma. Deixo claro, desde já, que não. Melhor dizendo, a toxicomania não se constitui como um sintoma para o sujeito, não se dá uma formação de compromisso — condição fundamental que legitima o sintoma — mas sim uma formação de ruptura com o gozo fálico. Dessa forma, o desejo não funciona como regulador, barreira do gozo. Vemos aqui como a droga pode servir para alienar radicalmente o sujeito de seu inconsciente; logo, por não ser sintoma, a droga não faz enigma.

O toxicômano não suporta qualquer coisa que barre seu gozo, daí sua intolerância à frustração, a qual é imediatamente suprimida pelo objeto droga. Na verdade, ocorre uma intoxicação pelo significante droga. A partir disso o toxicômano encontra uma “solução” para sua angústia diante do desejo do Outro. No momento em que tal angústia se faz presente, o recurso à droga entra para velar a própria divisão do sujeito, pois não há nada mais insuportável para esses sujeitos do que a sua divisão subjetiva.

O gozo inerente ao toxicômano não recorre à fantasia. Podemos entender assim o que diz Lacan ao afirmar que na toxicomania há o rompimento com o pequeno pipi, quer dizer, que a

fantasia é rechaçada e goza-se sem qualquer mediação. Trata-se de um gozo que não passa pelo Outro ou, como diz J-A Miller (*apud*. Beneti et alii., 1996) sobre a droga se tornar uma parceira do sujeito, um gozo que lhe permite romper com o Outro. A droga seria então não um objeto de desejo, caso passasse pelo gozo fálico, mas um objeto de gozo. (Beneti et alii., 1996, p. 16).

Hugo Freda faz uma observação sobre a escolha do toxicômano, pois esta recai sobre “ou um casamento com o pequeno pipi e um sintoma, ou um “casamento feliz” sem sintoma; ele escolhe a “felicidade”. O toxicômano consegue essa façanha inédita de colocar a satisfação sobre um objeto, tornando-o vivo, tratando-o como se ele fosse uma pessoa” (1996, p. 114).

A toxicomania, o discurso do capitalista e a ciência

Através de sua dependência radical do objeto droga, o toxicômano, ao dela fazer uso, não é um sujeito. No momento em que está drogado retira-se da cadeia significante, exclui-se da estrutura; na verdade, um apagamento radical do sujeito do inconsciente. Ao pronunciar o “Eu sou toxicômano”, ele não pensa; trata-se de um “eu sou” que recobre o “eu penso”, havendo uma neutralização de toda troca simbólica. É essa extrema dificuldade em fazer prevalecer a mediação do Outro simbólico que dificulta o estabelecimento da transferência. (Lecoeur, 1992, p. 14).

Um paciente, usuário de drogas, queixa-se da falta do pai, supondo o faltante como sendo o genitor, mas na realidade a mãe o trafica uma vez que não aceita a enunciação da lei, oferecendo ao filho objetos para satisfazê-lo. Esta mãe era cúmplice das faltas do filho às entrevistas. Dessa maneira, burla a incompletude e a divisão do sujeito e se coloca na posição do Outro absoluto e onipotente, curto-circuitando a função paterna. Não há, então, intervenção em sua relação narcísica com o objeto. Seu gozo não é barrado.

Este paciente diz que com a droga terá uma personalidade e poderá superar sua inibição com as mulheres mas, uma vez drogado, ele não vê a mulher. Elevada a mulher a um nível de idealização fantástico, a droga torna-se a “solução” para sua falta-a-ter.

A toxicomania é efeito do discurso do capitalista — segundo Lacan, uma distorção do discurso do mestre —, não podendo ser chamado de discurso por não deixar lugar para a falta. Neste discurso, o sujeito tem acesso ao objeto *a* sem passar pela fantasia, ou seja, os efeitos do objeto não passam pela fantasia e estabelecem uma colagem com o gozo, driblando a divisão do sujeito. Ao mesmo tempo, este objeto é depositário de saber encarnado no objeto de consumo.

Por mais que o toxicômano se veja como um rebelde, ele é um produto da ciência e como tal rejeita o gozo fálico, não acreditando nos *semblants* da cultura. Para Éric Laurent, citando Lacan, a ciência não quer saber nada da verdade como causa, havendo um repúdio (*Verwerfung*) da divisão do sujeito. (1992, p. 66). Para Lacan, o desejo do “sujeito da ciência” é um desejo sem causa (1966, p. 889). Não é à toa que o discurso científico adota a idéia segundo a qual “a droga faz o toxicômano”, rejeitando assim o sujeito do inconsciente. A psicanálise, ao contrário, aposta justamente neste sujeito e declara ser o “toxicômano aquele que faz a droga”. A psicanálise propõe a desintoxicação do significante droga em vez de uma desintoxicação química, esta servindo apenas para inflar ainda mais o eu. Também não se trata de manter o paciente em abstinência, a qual dá a falsa idéia de uma dependência de fundo orgânico.

O psicanalista diante da toxicomania

O mesmo paciente, citado anteriormente, procura o analista dizendo não querer mais se drogar. Diz não ter personalidade, pois se tivesse não precisaria usar a droga para afastar suas inibições.

Diz estar disposto a se tratar e a abandonar o vício, como ele o chama, pois a droga o está prejudicando. Contudo, após algumas entrevistas, droga-se ao sair do consultório, voltando na entrevista seguinte dizendo-se arrependido. Ou então, viaja na véspera do dia da consulta e manda sua mãe ligar para avisar ao analista que ele não irá.

No tratamento do toxicômano, ocorrem freqüentes passagens ao ato em que o sujeito se situa na vertente do “eu não penso”. Tenta constantemente deslocar o analista de sua posição. Como foi dito anteriormente, este sujeito não suporta frustrações e em suas passagens ao ato e *actings-out* procura evitar o encontro com o real e a sua fenda de estrutura. O Outro que o toxicômano tenta dar consistência é acima de tudo absoluto e não furado.

O analista está diante de um sujeito que não suporta ver seu gozo questionado. Seu discurso sobre a droga aponta para um saber do qual ele é o único detentor. Fala da droga como se fosse uma companheira, vindo no lugar da mulher. O analista deve tomar cuidado para não se tornar um mero parceiro do gozo deste sujeito quando relata as maravilhas da droga.

Será no para além deste gozo que a intervenção do analista possibilitará o aparecimento do sintoma inerente ao sujeito do inconsciente em sua dimensão de enigma, para assim se dar o esvaziamento do significante droga com o qual se nomeia. O psicanalista não deve de forma alguma se concentrar na droga. Tal postura é comum às instituições atravessadas pelo discurso do mestre, que mantém o significante droga no lugar do S_1 , saturando o sujeito de sentido.

Produzir sintomas e assim se deparar com sua divisão é o que diz Éric Laurent: “o sujeito deve passar de um saber que trabalha para o saber instalado no lugar da verdade. A verdade não deve trabalhar, mas se revelar.” (1992, p. 26). Em outras palavras, a verdade que trabalha produz o gozo e a verdade que se revela faz surgir o sujeito do inconsciente.

Referências bibliográficas

- BENETI, A. et alii. "Sobre as toxicomanias e o tratamento do toxicômano" (1996). Em: *Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias*. Belo Horizonte, CMT, 1996.
- FREDA, H. et alii. "Da droga ao inconsciente". Em: *Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias*. Op. cit.
- FREUD, S. "O mal-estar na civilização" (1930). Em: *Obras completas*, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- LACAN, J. "A ciência e a verdade" (1966). Em: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-70). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.
- LAURENT, É. et alii. *Lacan y los discursos*. Buenos Aires, Manantial, 1992.
- LECOEUR, B. "O homem embriagado", V Jornada do CMT, Belo Horizonte, 1992.

O OBJETO DROGA E O OBJETO CRIANÇA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Elisabeth da Rocha Miranda

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise

A cria do homem não é o produto de um saber natural, imutável sobre o sexo. No entanto só na Idade Moderna a criança deixa de ser vista como um ser da natureza para se tornar um ser de linguagem. Até então ocupava na sociedade o mesmo lugar que o escravo, a mulher e o animal, e como esses assumia a função de objeto. Objeto para o prazer da vida, de identificação, de gozo inclusive sexual, da educação e também objeto à mercê de um patrão. Temos suficientes demonstrações disso ainda hoje quando nos deparamos na mídia com a criança oferecida aos deuses em rituais de magia negra, objeto da perversão sexual, da invasão perversa das drogas, da mediação abusiva e até como banco de órgãos. Que lugar ocuparia a criança em relação à "droga"? Lícita ou ilícita? Qual a inserção possível aí da psicanálise?

Quando recebemos um sujeito em análise ouvimos uma queixa e tentamos localizar um sintoma. Sintoma, metáfora significativa que porta a mensagem cifrada de um mal-estar que não pode ser dito. O sujeito demanda livrar-se do sofrimento que o sintoma implica, porém sem pagar o preço de seu saber, que é sempre vinculado à castração e causa horror. O sintoma é a mensagem que o sujeito recebe do Outro de forma invertida; significado do Outro, resultado da falta de um significante no Outro que por